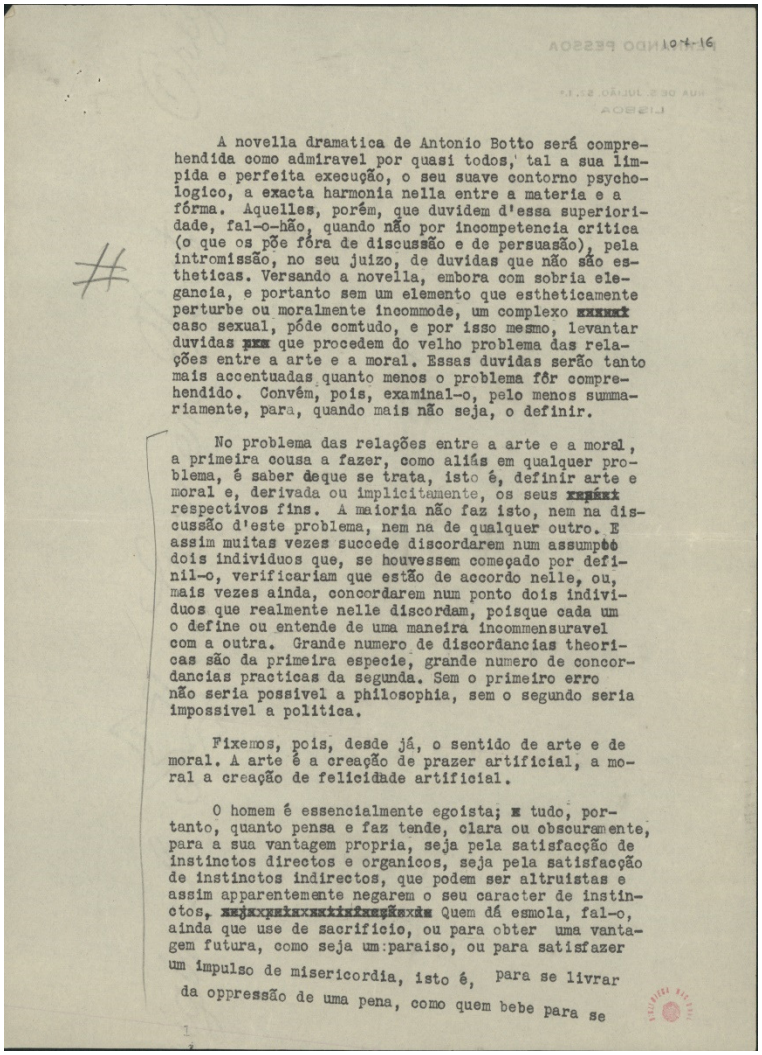
BNP/E3, 107 – 16r



A novella dramatica de Antonio Botto será comprehendida como admiravel por quasi todos, tal a sua limpida e perfeita execução, o seu suave contorno psychologico, a exacta harmonia nella entre a materia e a fórma. Aquelles, porém, que duvidem d'essa superioridade, fal-o-hão, quando não por incompetencia critica (o que os põe fóra de discussão e de persuasão), pela intromissão, no seu juizo, de duvidas que não são estheticas. Versando a novella, embora com sobria elegancia, e portanto sem um elemento que estheticamente perturbe ou moralmente incommode, um complexo xxxxx caso sexual, póde comtudo, e por isso mesmo, levantar duvidas xxx que procedem do velho problema das relações entre a arte e a moral. Essas duvidas serão tanto mais accentuadas quanto menos o problema fôr comprehendido. Convém, pois, examinal-o, pelo menos summariamente, para, quando mais não seja, o definir.

No problema das relações entre a arte e a moral, a primeira cousa a fazer, como aliás em qualquer problema, é saber deque se trata, isto é, definir arte e moral e, derivada ou implicitamente, os seus xxxxx respectivos fins. A maioria não faz isto, nem na discussão d'este problema, nem na de qualquer outro. E assim muitas vezes succede discordarem num assumpto dois individuos que, se houvessem começado por definil-o, verificariam que estão de accordo nelle, ou, mais vezes ainda, concordarem num ponto dois individuos que realmente nelle discordam, poisque cada um o define ou entende de uma maneira incommensuravel com a outra. Grande numero de discordancias theoricas são da primeira especie, grande numero de concordancias practicas da segunda. Sem o primeiro erro não seria possivel a philosophia, sem o segundo seria impossivel a politica.

Fixemos, pois, desde já, o sentido de arte e de moral. A arte é a creação de prazer artificial, a moral a creação de felicidade artificial.

O homem é essencialmente egoista; x tudo, portanto, quanto pensa e faz tende, clara ou obscuramente, para a sua vantagem propria, seja pela satisfacção de instinctos directos e organicos, seja pela satisfacção de instinctos indirectos, que podem ser altruistas e assim apparentemente negarem o seu caracter de instinctos, xxxxxxxxxxxxxxxxxxx Quem dá esmola, fal-o, ainda que use de sacrificio, ou para obter uma vantagem futura, como seja um:paraiso, ou para satisfazer um impulso de misericordia, isto é, para se livrar da oppressão de uma pena, como quem bebe para se

Transcrição

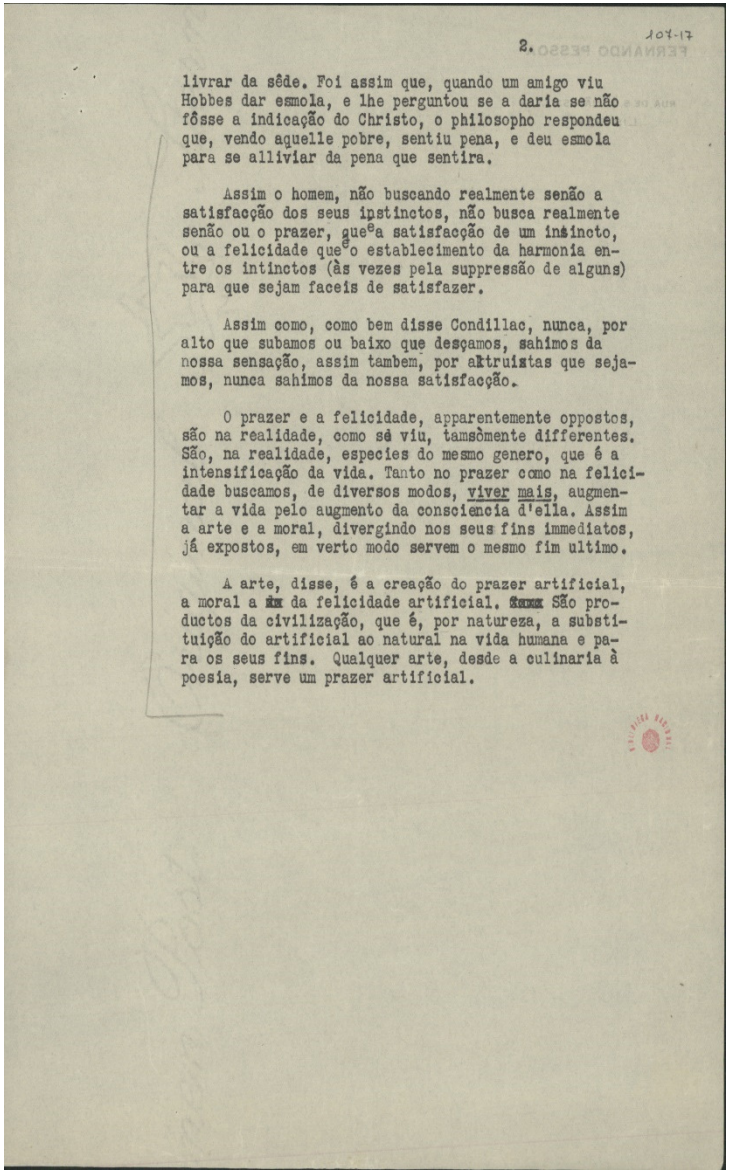
A novella dramatica de Antonio Botto será comprehendida como admiravel por quasi todos, tal a sua limpida e perfeita execução, o seu suave contorno psychologico, a exacta harmonia nella entre a materia e a fórma. Aquelles, porém, que duvidem d'essa superioridade, fal-o-hão, quando não por incompetencia critica (o que os põe fóra de discussão e de persuasão), pela intromissão, no seu juizo, de duvidas que não são estheticas. Versando a novella, embora com sobria elegancia, e portanto sem um elemento que estheticamente perturbe ou moralmente incommode, um complexo ~~casual~~ caso sexual, póde, comtudo, e por isso mesmo, levantar duvidas ~~pro~~ que procedem do velho problema das relações entre a arte e a moral. Essas duvidas serão tanto mais accentuadas quanto menos o problema fôr comprehendido. Convém, pois, examinal-o, pelo menos summariamente, para, quando mais não seja, o definir.

|No problema das relações entre a arte e a moral, a primeira cousa a fazer, como aliás em qualquer problema, é saber de que se trata, isto é, definir arte e moral e, derivada ou implicitamente, os seus ~~repéet~~ respectivos fins. A maioria não faz isto, nem na discussão d'este problema, nem na de qualquer outro. E assim muitas vezes succede discordarem num assumpto dois individuos que, se houvessem começado por definil-o, verificariam que estão de accordo nelle, ou, mais vezes ainda, concordarem num ponto dois individuos que realmente nelle discordam, poisque cada um o define ou entende de uma maneira incommensuravel com a outra. Grande numero de discordancias theoricas são da primeira especie, grande numero de concordancias practicas da segunda. Sem o primeiro erro não seria possivel a philosophia, sem o segundo seria impossivel a politica.

Fixemos, pois, desde já, o sentido de arte e de moral. A arte é a creação de prazer artificial, a moral a creação de felicidade artificial.

O homem é essencialmente egoista; ~~e~~ tudo, portanto, quanto pensa e faz tende, clara ou obscuramente, para a sua vantagem propria, seja pela satisfação de instinctos directos e organicos, seja pela satisfação de instinctos indirectos, que podem ser altruistas e assim apparentemente negarem o seu caracter de instinctos~~,~~. ~~seja pela satisfação de~~ Quem dá esmola, fal-o, ainda que use de sacrificio, ou para obter uma vantagem futura, como seja um paraiso, ou para satisfazer um impulso de misericordia, isto é, para se livrar da oppressão de uma pena, como quem bebe para se

BNP/E3, 107 – 17r



2. 107-17

livrar da sêde. Foi assim que, quando um amigo viu Hobbes dar esmola, e lhe perguntou se a daria se não fôsse a indicação do Christo, o philosopho respondeu que, vendo aquelle pobre, sentiu pena, e deu esmola para se alliviar da pena que sentira.

Assim o homem, não buscando realmente senão a satisfaeção dos seus ipstinctos, não busca realmente senão ou o prazer, quea satisfacção de um instincto, ou a felicidade queo estabelecimento da harmonia entre os intinctos (às vezes pela suppressão de alguns) para que sejam faceis de satisfazer.

Assim como, como bem disse Condillac, nunca, por alto que subamos ou baixo que desçamos, sahimos da nossa sensação, assim tambem, por altruistas que sejamos, nunca sahimos da nossa satisfacção.

O prazer e a felicidade, apparentemente oppostos, são na realidade, como se viu, tamsòmente differentes. São, na realidade, especies do mesmo genero, que é a intensificação da vida. Tanto no prazer como na felicidade buscamos, de diversos modos, viver mais, augmentar a vida pelo augmento da consciencia d'ella. Assim a arte e a moral, divergindo nos seus fins immediatos, já expostos, em verto modo servem o mesmo fim ultimo.

A arte, disse, é a creação do prazer artificial, a moral a ~~xx~~ da felicidade artificial. ~~Como~~ São productos da civilização, que é, por natureza, a substituição do artificial ao natural na vida humana e para os seus fins. Qualquer arte, desde a culinaria à poesia, serve um prazer artificial.

Transcrição

livrar da sêde. Foi assim que, quando um amigo viu Hobbes dar esmola, e lhe perguntou se a daria se não fôsse a indicação de Christo, o philosopho respondeu que, vendo aquelle pobre, sentiu pena, e deu esmola para se alliviar da pena que sentira.

Assim o homem, não buscando senão a satisfação dos seus instinctos, não busca realmente senão ou o prazer, que é a satisfação de um instincto, ou a felicidade que é o estabelecimento da harmonia entre os instinctos (às vezes pela suppressão de alguns) para que sejam faceis de satisfazer.

Assim como, como bem disse Condillac, nunca, por alto que subamos ou baixo que desçamos, sahimos da nossa sensação, assim tambem, por altruistas que sejamos, nunca sahimos da nossa satisfacção.

O prazer e a felicidade, apparentemente oppostos, são na realidade, como se viu, tamsòmente differentes. São, na realidade, especies do mesmo genero, que é a intensificação da vida. Tanto no prazer como na felicidade buscamos, de diversos modos, *viver mais*, augmentar a vida pelo augmento da consciencia d'ella. Assim a arte e a moral, divergindo nos seus fins immediatos, já expostos, em certo modo servem o mesmo fim ultimo.

A arte, disse, é a creação do prazer artificial, a moral a ~~do~~ da felicidade artificial. ~~Como~~ São productos da civilização, que é, por natureza, a substituição do artificial ao natural na vida humana e para os seus fins. Qualquer arte, desde a culinaria à poesia, serve um prazer artificial.|

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO – Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de https://modernismo.pt/
está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.